



Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO



Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,  
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 202

**Assinaturas**

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

## Cartas d'Algures

18 DE JUNHO.

Esta semana apparece a gréve como acontecimento dominante. E o governo, para resolver essa questão, parece que não tem outro expediente enão o do governo hespanhol, iue, no dizer do *Debate*, resolve a questão social por meio da Mauser.

Segundo Silva, modelo do sr. Hintze Ribeiro a espingarda Mauser *constitue a garantia da prudencia dos pardos.*

Ferocidade inarreditavel, chama *O Debate* a essa theoria social da Mauser.

Deixe lá, collega, deixe lá. Não ha mal que ão tenha compensações. Realmente é feroz a doutrina do homem da Hespanha. Mas como agente não tem remedio senão conformar-se com a sorte que Deus he dá, com essa doutrina nos avemos de governar. Se tivesses outra, se nos fosse dado escolher, escolheriamos outra, é caro. Mas se não temos outra? Ms se não nos é permitido escolher? Quem tem gallinha não come sardinha. Mas se um homem : vé reduzido á sardinhinha, co' ella se governa e com ella vive, que não tem outro remeio.

A theoria a Mauser é má, muito má. Mas tem uma vantagem: é igual ara todos. *Quem com ferro mata com ferro ha de morrer.* E isto em sahido certo. Já sahiiu certa Hespanha. Já sahiiu certo e Portugal, com o D. Miguel. E sahiiu, ha dois dias ainda, certissimo na Servia.

Não se affija, collega. *Deixe correr o marfim.*

O conserador Silvela esquece-se d'uma oisa, aliás elementarissima. E é que, segundo a ordenança militar de todos os paizes, depois la espingarda estar carregada tanto se lhe pôde indicar como objectivo a esquerda, como a direita ou o centro. O conserador Silvela, no delirio do mundo, pelo habito de pertencer á direita, não se lembra senão da esquerda. Mas a verdade é que o lvo da esquerda, talvez por lh'indicarem muita vez, e ser *caça viada*, é alvo de pouca importancia para as tropas. Pelo menos não lhes desperta entusiasmo nenhum. Mas o alvo da direita? Uii!... Que entusiasmo, que entusiasmo, que delirio, quando se diz ás tropas: *Sobre a direita—apontar—fogo!* E' a differença entre a caça ao parial e a caça ao tigre.

E, coisa singular, quando se manda fazer fogo sobre a direita não ha atirador que não seja bom: Acertam logo na *mauche*.

Isto é o que demonstra a experiencia. Ainda ha pouco se viu

isso n'um tiroteio de renomé universal.

Má, muito má, a theoria da Mauser, porque é selvagem, porque é feroz, como diz *O Debate*. Foi precisamente d'essa theoria que resultaram as barbaridades da Servia. Não foi questão de maior ou menor civilisação, como pretendem os jornaes. Foi questão da theoria da Mauser. E mais nada. Como haviam os brasileiros de tratar barbaramente o imperador do Brazil, se o imperador do Brazil nunca tinha sido barbaro? *Assassinam D. Pedro II* era atrocidade tão improvavel como a lua esborraçar-se na terra.

Como haviam os servios de tratar com brandura Alexandre I, se Alexandre I não os tratava senão a pontapés e a tiro?

Se pegassem nos servios e os pozessem no Brazil e pegassem nos brasileiros e os pozessem na Servia, os servios fariam o que fizeram os brasileiros e os brasileiros fariam o que fizeram os servios. Esta é que é a verdade, filha d'aquella philosophia pratica de que resam os compendios do povo. A outra philosophia mandem na para casa do diabo.

*Quem com ferro mata, com ferro ha de morrer. Amor, com amor se paga. Quem semeia ventos, colhe tempestades. Dize-me com quem lidas, dir-te-hei quem és.* Etc. Estas é que são as leis da philosophia popular, tiradas do estudo do mundo e consagradas pelo tempo.

*Dize-me com quem lidas, dir-te-hei quem és.* Este dicto, por exemplo, é um clarão que illumina completamente a pessoa do sr. Hintze Ribeiro.

O sr. Hintze Ribeiro nunca foi um fanfarrão, nem um valentão. Foi sempre um homem prudente, comedido, atilado, correcto. Mas os leitores hão de ter notado que ha uns annos para cá dei n'um valentão e n'um gingão d'alto lá com elle.

Elle não tem medo de nada. Elle toma a responsabilidade de tudo. Elle chegou a ser caricato com a sua mania das *responsabilidades*.

Que diabo é isso? Tudo aquillo é postico. No fundo o presidente do conselho não é nada assim. S6 ha poucos annos o sr. Hintze Ribeiro apparece com esse aspecto de *bailão*.

Sabem o que é? E' a disputa do *coração de leão*. Obra ainda do maldicto do João Franco. João Franco e Hintze andam n'um torneio renhido. Ambos elles disputam as graças d'um coração. Este coração tem a exquisitissê de não gostar senão de valentões. E eis o pobre do sr. Hintze Ribeiro, que nunca teve feito para essas coisas, feito valentão. E, por isso mesmo que nunca teve feito para cavallarias de tal ordem, o sr. Hintze Ribeiro se tem tornado

um pouco quichotesco no seu novo papel.

E' toda a gente assim. Em um homem sabindo d'aquillo que Deus lhe destinou é como o peixinho fóra d'agua. Como o João Franco tem fama de valentão, como passa por mão de rédea, mata moiros, traga balas, o sr. Hintze Ribeiro quer-lhe passar adiante. E bate na anca julgando que bate nos punhos da espada de ferro; e chega a tomar a sobrecasca por uma cota de malha. E não tem medo. Hintze Ribeiro teme a Deus e ao seu rei e a ninguem mais no mundo.

Não investe com a manada dos carneiros e com os moinhos, mas é justo confessar-se que pouco lhe falta para isso. Até já disputa primasias com o ministro da guerra, pondo em perigo o equilibrio ministerial!

Na interpellação sobre o castigo dos soldados do 18, conta *O Seculo* que quando o sr. ministro da guerra assumia a responsabilidade d'esse castigo, o sr. presidente do conselho interrompera, exclamando: «Tomo, por completo, a responsabilidade do facto.» Ao que o sr. Pimentel Pinto, que, n'essas questões, e ainda por amor do *coração de leão*, que tem adoradores ás duzias, tambem não deita o seu quinhão a pintos, retorquiu: «Mas a maior responsabilidade pertence ao ministro da guerra.»

Como se vé, foi caso sério. O ministro da guerra não gostou que lhe alliviassem a carga. Poderá! Se lh'a alliviam, adens titulos de recommendação. Mas o presidente do conselho, por isso mesmo, ainda havia de gostar menos que o ministro da guerra se declarasse mais responsavel do que elle. Mais responsavel do que o sr. Hintze Ribeiro! Que atentado! Que heresia! O sr. Hintze Ribeiro Ribeiro é o responsavel do responsaveis. Logo é o responsavel do sr. Pimentel Pinto. O sr. Pimentel Pinto responde como ministro da guerra. Mas o sr. Hintze responde como presidente do conselho. O grande responsavel, o primeiro responsavel, verdadeiramente o unico responsavel, é o sr. Hintze Ribeiro. Responsavel em tudo, por tudo e em toda a parte. Se não se apressou, mesmo, a tomar a responsabilidade da Servia, antes e depois da revolução, não foi por medo, que, repetimos, sua ex.<sup>a</sup> nada teme abaixo de Deus e do seu soberano. Não foi por medo. Foi... por melindres internacionais.

Portanto, dois aspectos ferozes revéla a figura do sr. Hintze Ribeiro. Um, o da theoria da Mauser, a exemplo do Silvela. Outro, o das responsabilidades. Ainda na vespera do presidente do conselho se declarar, na

camara, mais responsavel que o ministro da guerra, disséra, na mesma camara,—cá vae a theoria da Mauser,—em resposta ao sr. Eduardo Coelho, quando este senhor observava que já tinham ido para o Porto alguns contingentes de cavallaria: «Teem ido e irão quantos forem necessarios. Hão de marchar para o Porto todas as tropas que o governo entender devem marchar. Irão todas as que forem precisas, porque a ordem publica ha de ser mantida a todo o transe, creia o sr. Eduardo Coelho.»

Creia o sr. Eduardo Coelho, ouviu? Como quem diz: «Faça-se fino que eu lhe direi.»

Não ha que vér. Abaixo de Deus e do seu soberano ninguem mais teme no mundo!

Mas o mais importante, refere *Novidades*, é que disse aquillo com *extraordinaria energia*.

E que tal?

*Com extraordinaria energia!*

Eu só com meus vassallos e com esta...

E' certo. Sua excellencia bate na anca julgando que bate nos copos da espada medieval. Sua excellencia olha para a frente e julga vér na presidencia guerreiros armados de ponto em branco, a fazerem-lhe negaças. Olha para traz e afigura se-lhe, como ao outro, que os dignos pares são dez exercitos reunidos, commundados por chefes com nomes extravagantes e heroicos.

*Com extraordinaria energia!* Para metter na cadeia os pobres tecelões, que andam sem pau nem pedra, sabe-o todo o mundo, sem que detraz d'elles esteja organizada coisa que, de longe mesmo, ninguem o ignora, se pareça com nma revolução!

Heroico filho de Nun'alvares!

Ora bem. O sr. Hintze Ribeiro não está no seu sério. Sua excellencia, já o dissémos, não é isso. Quem o fez assim foi o João Franco. Vallia a verdade, a unica obra engraçada que o João Franco tem feito e que ainda não deu por ella, por isso mesmo que tem graça. Obra que poderia ser patriótica, até, se não fosse o paiz quem paga as custas do torneio burlesco. Não está no seu sério o sr. Hintze Ribeiro. Porque, se o estivesse, sendo um homem intelligente e atilado, como é, veria que não ha nada peor que affrontar os outros com valentias e que assumir responsabilidades na impossibilidade absoluta, para os outros, de as pedirem.

Ha duas especies de responsabilidades no sr. Hintze Ribeiro: responsabilidades de homem e responsabilidades de presidente de conselho. Responsabilidades de homem não se pôdem pedir ao sr. Hintze Ribeiro, desde que sua excellencia não injuria nem offen-

de ninguem pessoalmente. Arvo-rar-se um ratão em paladino da liberdade ou do direito, para mandar duas testemunhas ao sr. Hintze Ribeiro, seria a mais ridicula scena d'este entremez nacional, em que andamos mettidos ha tempo, e que vae dando signaes evidentes de vir a acabar em tragedia.

Restam as responsabilidades de presidente de conselho. E essas tambem não se lhe pôdem pedir desde que sua excellencia supprimiu a unica entidade que tinha não só o direito mas o dever de o fazer: a nação.

Não ha uma lei de responsabilidade ministerial. E, se a houvesse, era necessario que a nação, pelos seus orgãos, a fizesse executar. Pela liberdade da urna, pela liberdade da reunião, pela liberdade d'associação, pela liberdade d'imprensa e pela liberdade da tribuna. Não ha direito nem liberdade eleitoral, portanto não ha parlamento. Onde não ha parlamento, não ha tribuna. Não ha liberdade d'imprensa. Não ha liberdade de reunião. Não ha nação livre. Logo, não ha ministros responsaveis.

E se não ha ministros responsaveis, o sr. presidente do conselho affronta todos os dias o paiz a apregoar a sua decantada responsabilidade, como se affronta um homem quando se lhe lança um desafio estando esse homem na impossibilidade absoluta de o aceitar.

E' triste que o sr. presidente do conselho se tenha esquecido d'isto, e lamentavel que não tenha havido um homem na camara dos deputados ou na camara dos pares para lh'o lembrar.

E na proxima carta falaremos de assumptos que se ligam com a miseria que provocou a gréve, aliás a mais importante, talvez, das que tem havido em Portugal.

A. B.

Ha ricos que dizem que invejam a felicidade que o pobre disfructa no meio da sua miseria, pois que a riqueza a elles só lhes acarreta cuidados e amarguras.

O que é certo é que nenhum d'elles quer trocar a sua existencia amargurada pela descuidada vida dos pobres.

B. OLLEBER.

### Nem á mão de Deus padre...

Comquanto os proprietarios da rua Direita tenham sido intimados a conduzir por meio de canos a agua dos telhados para não dannificarem a estrada, até hoje nada se cumpriu, e eis que com as ultimas chuvas a estrada apresenta grandes covas, não obstante ainda não haver um mez que ella foi toda concertada.

Deixem-se de complacencias, tome-se a questão a sério e punha quem não cumpriu com a intimação.

18 DE JUNHO.

D'um telegramma de Belgrado para um jornal europeu, extractamos as palavras que seguem e pelas quaes se vê que o povo, o eterno povinho acorrentado à primeira impressão que o domina, mais uma vez mostrou o que foi no seu estado primitivo, nos tempos meliáveis e nos tempos actuaes, tempos a que nós chamamos civilizados:

**Belgrado, 14, ás 8 17 t.**—Nos ultimos dias o rei Alexandre gozava excellente saude e andava de muito bom humor. Na segunda-feira á noite assistia, com a rainha Draga, a um concerto popular, onde o povo lhe fez um cordeal e entusiastico acolhimento, sendo, á saída, a carruagem real, que conduzia os soberanos, seguida por enorme multidão, que acclamou pelas ruas os reis.

Dias depois, este mesmo povo percorria a cidade em manifestações de regosio pelo assassinato de Alexandre I e de sua esposa, e em frente do palacio insultava os cadaveres ainda quentes dos reis, pedindo que lh'os atirassem pela janella para completar a obra dos conjurados.

Outro exemplo frisante do que é o povo está na recepção feita a Jesus Christo pelos homens de Jerusalem, que o recebem fraternal e triumphantemente no meio de palmas e flores, o solo tapetado por riquissimas mantas de seda por sobre as quaes passava a sua humilde jumentinha, para de ahí a poucos dias e em altos brados, esses mesmos homens, pedirem a Pilatos a sua cabeça innocente, preferindo-a á do infame e perverso Barrabas.

E assim em todas as epochas e em todos os tempos da historia. Ainda hontem, ali no Porto e na triste madrugada de 31 de janeiro, desce a rua do Almada e sobe a de Santo Antonio, a guarnição d'aquella cidade, que leva nos labios o grito de revolta e no coração a esperança da Liberdade e da Regeneração da Patria.

Uma multidão enorme de povo acclama e victoria o exercito na sua passagem por essas ruas. As senhoras, no meio d'aquella indiscrível enthusiasmo agitam as jaquetas brancas, batem palmas e os olhos marejam-lhes de lagrimas no auge do contentamento.

Pois d'ahi a pouco, quando esses homens por mal orientada voz de commando e já mais pelas imprudencias dos dirigentes do movimento, se deixavam subjugar pelo diminuto inimigo, que de embuscada lhes sahia, eis que das mesmas jaquetas e das mesmas bocas que ainda ha pouco os acclamavam, irrompem saudações estrepitosas, e eguaes demonstrações festivas são feitas aos soldados da guarda municipal que os acabavam de carregar traçoiramente, ensopando com sangue generoso dos revoltosos os degraus das portas das suas habitações.

O povo ha de ser sempre o mesmo povo.

Forte, poderoso e soberano, deixa-se facilmente impressionar pelo momento que passa, pela onda que corre e, n'um arrebatamento doido e irreflectido, vae até ao crime e muitas vezes até ao mais abominavel. E o que é para admirar é que a febre da loucura attinge todas as classes sociaes: o pequeno, o grande, o analfabeto e o sábio.

E' o eterno povo.

C. S.

O homem ao nascer, traz consigo o direito á existencia. Ainda contra esta doutrina não se argumentou, ainda não se ponde affirmar que determinadas creaturas humanas tivessem direitos superiores. Não; á força, todo o mundo ha de admitir que todos os seres humanos possuem igual direito.

CLEMENCEAU.

## CARTAS DO PORTO

18 DE JUNHO.

Pelos jornaes diarios já os leitores sabem das causas que motivaram o violento incendio na drogaria do sr. Araujo & Oliveira, Successores, á rua das Flores. A mistura de productos que um individuo (fogueteiro nas horas vagas) pisava n'uma almofariz causou uma violenta explosão que, como disse na minha correspondencia anterior, suppoz-se ser de dynamite.

O incendio irrompeu com tal influencia que ao fim de poucos minutos todo o predio era pasto de chammas.

A direcção do ataque ao incendio deixou muitissimo a desejar, pois, se com mais tino fosse atacado não haveria, por certo, os enormes prejuizos a lamentar. Resultado da imparcialidade da camara municipal na escolha d'inspector.

Das victimas, 2 morreram; eram os dois freguezes que no momento da explosão se achavam na loja; o caixeiro tem melhorado e se consegue salvar ficará sujeito a tomar o alimento por um officio na garganta.

Triste! A esposa do sr. Araujo que se encontrava de parto, tem melhorado e encontra-se salva.

O sr. Bento de Araujo, representante da firma, abriu um escriptorio provisório na rua de S. Domingos.

As companhias de seguros cobriram os prejuizos ao sr. Bento d'Araujo que tinha os seus haveres seguros quantia de 6:000\$000 réis e o sr. Gomes, com escriptorio no 1.º andar, pela importancia de 1:300\$000 réis.

Sobre a grève alguma coisa ha a dizer.

Aquella generalisa-se e o aspecto que ella vae tomando é de veras imponente pois varias classes, como metalurgicos, sapateiros, chapeleiros, cigarreiros, tornaram-se solidarios com os tecelões e fiandeiros, abandonando as fabricas.

Não ha memoria no Porto, ou em qualquer cidade do paiz, de se ver uma tão grande demonstração de solidariedade.

Da policia é superfluo relatar o seu procedimento; é repetir o que já tenho dito nas minhas anteriores, sobre a maneira como ella quer cortar a questão.

Barbara, bestial, canibalesca é o uso do chanfalho que fulanos de cerebro acanhado como o individuo que confia um sabre e revolver aos parasitas que o usam e que se acobertam com o pomposo nome de mantenedores da ordem.

Cousas barbaras tem tem ella produzido. Assim na rua de S. Victor um velho paralytico, foi arrastado pelas suas longas barbas, pelo facto da policia alvitrar de que atirara uma tijella sobre um dos taes agentes.

A mentira de braço dado com a malandrice.

Muitas outras cousas a policia diz que lhes fizeram que são outras tantas infamias com que ella tenta justificar-se.

No cruzador *D. Amelia* encontram-se 110 presos e na corveta *Estephania* uns cincoenta.

O commandante do *D. Amelia* communicou para o ministerio da marinha que n'aquelle navio já não ha lugar para mais prisioneiros.

Consta tambem que aquelle navio vae sair com rumo desconhecido, vindo em sua substituição o *Africa* para a colheita que a policia tenciona fazer.

E que faz o governo?

Nas camaras... dá-se liberdade ao ministerio; já se deu na questão do jesuitismo, no convenio, em Coimbra, etc. E os resultados? Veem-se. Está claro; maioria, minoria, representantes (*legitimos, note-se*) do povo, são contra o povo.

Na Servia...

Realizou-se hoje o casamento do meu particular amigo sr. Albano de Mello na igreja de Lordello do Ouro, com a gentilissima filha do digno commerciante d'esta praça sr. João Dias Alves Pimenta.

Os nubentes partiram no rapido da tarde para Braga. Mil felicidades.

Realisaram-se hontem, em Agremonte, os funeraes do general refor-

mado, sr. Leopoldo Francisco de Me-  
nezes.

No domingo passado realizou-se, na Praça d'Alegria, uma tourada.

Rezes manhosas, artistas como se vae ver:

José Bento, mal e infeliz pelo gado que lhe tocou; morgado de Covas, superior; Faico, não valeu a fama de que vinha precedido; tenho visto melhor, não era o que os *aficionados* esperavam. José dos Santos, bello artista mas mal apreciado *por ser português*, bem. Francisco Cruz, bem. No ultimo touro foi colhido sendo arremessado contra a trincheira falsa.

Eis o resumo da tourada de domingo.

Para terminar: Esta tarde chegaram ao Porto 70 praças de cavallaria 9 e 6 indo, *tudo*, alojar-se nas cocheiras da companhia dos americanos.

Tremam, *grévistas*, que os cavalleiros aquartellados de camaradagem com os cavallos, duplicaram as pernas. Tremam.

Até á semana.

ANTONIO DA F. SANTOS.

(Correspondente particular)

18, ás 10 h. NOITE.

### Porto em grève—30:000 operarios—Fabricas e officinas fechadas—Attitude dos grévistas—Prisões e ferimentos—Chegada de tropas—Delegados de Lisboa

Pôde-se dizer: Esão em grève todas as classes trabalhadoras do Porto! Poucas já faltam para adherirem á causa justa dos tecelões. As restantes classes, que poucas já são, declaram-se tambem em grève amanhã ou segunda-feira, se até lá nada fór resolvido a favor dos tecelões. Esão tambem em grève os operarios da Companhia Carris de Ferro, correndo hontem o boato que hoje os guarda-freios e conductores dos americanos, fazendo causa commum com os operarios, se declaravam tambem em grève, mas até á hora em que escrevo nada me consta, e os americanos tem feito hoje o serviço do costume. Isto vae bom e bonito! O Porto sem o serviço dos americanos era de *X P T O*. Tambem já se falla na grève dos catraeiros e barqueiros do rio Douro que são milhares de pessoas empregadas n'este serviço. Se esta classe chega a estar em grève, a alfandega tem de fechar por falta de braços, e esta fechada, tem de fechar a maior parte do commercio ou o commercio em geral. E depois qual será o resultado? Não se pôde fazer ideia do que poderá vir a dar toda esta embrulhada. Já são **30 mil** os operarios em grève e tendo para augmentar-se até segunda-feira nada fór resolvido. Isto está mau e muito mau, não se sabendo mesmo até onde pôde chegar e quaes serão os resultados que pôdem advir d'este estado de cousas. Fabricas e officinas fecharam já quasi todas, porque ninguém apparece para trabalhar, emquanto não fór feita justiça á classe dos tecelões. E' esta a attitude de todos os grévistas das mais classes e que, por solidariedade com os seus companheiros das artes textis, ha seis semanas se encontram em lucta com o capital. A policia e a municipal depois dos editaes publicados pelo governo civil e commissario geral de policia, não estão com meias medidas. Por dá cá aquella palha é logo pranchada por toda a parte, havendo por isso muitos ferimentos e muitas prisões. O cruzador *D. Amelia* já não tem commodos para recolher mais grévistas. A corveta *Estephania* está á carga e o Aljube então, não se falla. E' como se costuma dizer: *Está á cunha!*

Tem chegado grandes contingentes de cavallaria dos diversos corpos, pertencentes a esta divisão e esperase por estes dias um outro navio de guerra para transportar para a fortaleza de Peniche ou para Timór, todos os grévistas que *maior culpa* veem em defender a sua classe e a sua justa causa.

Foi isto que ouvi dizer sem comtudo poder garantir a verdade d'este boato.

Chegaram hontem ao Porto dois

operarios lisboenses, delegados superiores e representantes dos trabalhadores textis de Portugal, para negociações de paz.

Saudamos a vinda d'estes artistas e que a paz se comsiga quanto antes, é o que todos os portuenses desejam.

D. C.

Nunca ponde prevér com exactidão se os meus planos teriam successo.

BISMARCK.

### MELHORAMENTOS MUNICIPAES

Foram arrancados esta semana do Largo Municipal, os oito candieiros que ali se achavam, sendo substituidas as lanternas de quatro d'elles por quatro bonitos globos de vidro, que são o que ha de mais *chic* e mais aperfeiçoado.

A luz por elles irradiada, substitue vantajosamente a dos antigos candieiros que, mettidos quatro, como estavam, em meio do arvoredor, pouca luz davam para aquelle recinto.

Os candieiros d'ali arrancados, serão collocados em qualquer ponto da cidade onde a ausencia de luz mais o reclamar.

### Fallecimentos

Aos estragos d'uma tuberculose que lhe vinha minando a existencia, succumbiu na tarde do dia 16, n'esta cidade, o honesto artista d'alfaiate sr. Julio Ferreira. Era o finado um dos exemplares chefes de familia e muito trabalhador. Deixa na orphanda de mulher e filhos.

A sua familia enviamos condolencias.

Falleceu na quarta-feira, n'esta cidade, o modesto artista do Alboj, Antonio Augusto da Silva.

A seus filhos José Augusto da Silva e Manuel Augusto os nosos sentimentos.

### Salubridade publica

Continúa a ser permitido que se façam das valletas e ruas da cidade vasadouros communs para quanta porcaria de portas a dentro estorve ou cheire mal.

Não sabemos quando a policia se resolverá pôr cõbro a estas iniquidades, que são, afinal, uma vergonha para a nossa terra.

Vejam se alguma vez se lembram d'isso.

### A' Junta da Barra

Ao fundo do caes dos Mercanteis e na margem norte do novo canal de S. Roque, existe um velho e carcomido palheiro de madeira, que além de muito desfiar o local, tira as lindas vistas que d'aquella parte da cidade se disfructam para a ria.

Dizem-nos agora que o seu proprietario projecta reconstruilo ou remendalo, o que importa o mesmo, pois que lá continuará aquelle *espelho* embaçando a vista aos visitantes do local.

E como o tal palheiro nada tem que o recomende e o seu dono muito bem pôde transferir para outra parte a sua edificação, ousamos lembrar á digna Junta da Barra o pequeno sacrificio monetario da sua expropriação, o que, além de tornar o sitio mais aformoseado e desembaraçar a vista n'aquelle ponto, poderá o terreno expropriado ser util á Junta, que d'elle se aproveitará para qualquer fim.

Esperámos ser attendidos por aquella illustrada collectividade, pois que o nosso pedido além de ser justo, é razoavel.

### Lição de moral

—Sabes o que é isto?... —E isto?... —E isto?... (Ponto final e armas de S. Francisco á frente).

### Resultado da absolvição dos Implicados nas selvagerias de 25 de julho—Somma e segue.

Está preso na esquadra policial d'esta cidade, Serafim Simões da Cunha, um dos implicados nos apedrejamentos das janellas dos cidadãos por occasião das selvagerias de 25 de julho do anno proximo passado e dos que, segundo se dizia, mais ardor mostrou na refrega.

Como o nosso espirito não paira pelas rigides policiaes, não sabemos acerto o motivo porque alli se conserva o tal Serafim Simões da Cunha, mas sabemos que o vulgo o accusa de proezas vandalicasegnaes ás praticadas nos tres n'estos dias da revolta dos *pategos*.

Accusar-nos uns de ter por varias veze despedaçado as janellas a uma infeliz, conhecida por Joannão *S'tó*, para a amedrontar poimeio da violencia e assim deixa esta de ter relações intimas com um individuo de quem elle epera, por sua morte, receber grossa maquia.

Accusanno outros de ter elle e um seurnão, de nome João, atravessado a linha de ferro dois carris de aç, dos que se acham estendidos pla margem da mesma, para su substituição, com o manifesto intento de comprometterem a guala da linha, no cantão do paço e nivel de S. Bernardo.

A ser vetade esta ultima asserção, mos a bem os sigados que possui Serafim, e a manifesta vontade d'este em produzir um descarrilamento no comboio, do qual podíamos contar victimas ás dezenas.

Outros *ella* avançam mais, pois dizem respeito a casos de reconhecida gravidade, o que não nos admira muito, attendendo aos *bellos* precedentes que lhe são attribuidos.

E ahí temo sr. juiz Pinto, o resultado adquirido com a absolvição dos criminosos de 25 de julho do anno passado.

Mas a coiza ainda ha de render mais.

Isto não fic por aqui, infelizmente. E pouco viverá quem isso não verá.

Um outro *velho*, que vive nas proximidades do citado Serafim e que dizem fojeu companheiro nos apedrejamentos, tambem por mais de uma vez tem praticado *gentilezas* semelhantes, mas a boa previdencia e oolsinho dos paes, tem evitado qu o poder judicial tenha d'ellas conhecimento.

Mas um dia empre veem. Não falta. E nós cá estamos para os ir apontando ao publico e para mostrar tambem ao sr. juiz Pinto o quanto foi prejudicial para todos a absolvição dos confessos criminosos de 25 de julho.

Contem com isso.

### Aferião

Termina no fim do mez corrente o prazo para aferição de pesos e medidas, sendo multados todos aquelles que depois d'aquella data o não tiverem feito.

Aviso aos interessados.

### Foi praga d... Chieça

No penultimo sabbado andou o diabo á solta pea nossa typographia.

Diabo á solta, *comungação* ou bruxaria, pois tivemos desarranjo no prelo, *illustrações partidas*, o diabo a quatro.

Foi praga *mofesta* que nos rogo, com certeza, o *nosso rico e amado Frei Chieça da Purificação do Carmo*, pelo nuito bem que nos deseja.

Nem podia dexas de ser outra coiza.

Aos nossos amaveis leitores pedimos desculpa das imperfeições que se notavam nas *gravuras* da secção *Illustrado á moda do... canudo*, do numero passado.

Para outra vez será *melhor...*

**CANÇÃO DA FELICIDADE**

Felicidade! Felicidade!  
 Ai quem n'a dera na minha mão!  
 Não passar nunca da mesma idade,  
 Dos vinte cinco, do quarteirão.

Morar, n'ei simples, n'alguia casa  
 Toda caiada, defronte do Mar;  
 No lume, ao menos, ter uma brasa,  
 E uma sardinha p'ra n'ella assar...

Não ter fortuna, não ter dinheiro,  
 Papeis no Banco, nada a render:  
 Guardar, podendo, n'um mialheiro  
 Economias p'ro que vier.

Ir, pelas tardes, até á fonte  
 Ver as pequenas a encher e a rir,  
 E vêr entre ellas o Zé da Ponte  
 Um pouco torto, quasi a cair.

Não ter chimeras, não ter cuidados  
 E contentar-se com o que é seu,  
 Não ter torturas, não ter peccados,  
 Que, em se morrendo, vae-se p'ro Ceu!

Não ter talento; o sufficiente  
 Para na Vida saber andar,  
 E quanto a estudos saber sómente  
 (Mas ai sómente!) lêr e contar.

Mulher e filhos! A mulhersinha  
 Tão loira e alegre, Jesus! Jesus!  
 E, em nove mezes, vêr a choquinha  
 Como uma pomba dar outra á luz!

Oh! grande vida, valha a verdade!  
 Oh! grande vida, mas que illusão!  
 Felicidade! Felicidade!  
 Ai quem n'a dera na minha mão!

ANTONIO NOBRE.

**A NOSSA CARTEIRA**

Esteve na terça-feira em Aveiro o sr. dr. Manuel Homem de Mello, deputado por este circulo. S. ex.<sup>a</sup> regressou n'esse mesmo dia á sua casa d'Aguieira (Aguada).

Fez annos a sr.<sup>a</sup> D. Maria Augusta Macedo da Camara, esposa do sr. conselheiro Albano de Mello.

Tem estado bastante doente o sr. Francisco Manuel Conceiro da Costa. Estimamos o restabelecimento de sua ex.<sup>a</sup>.

Com sua esposa, partiu para Melgaço o sr. José Maria Pereira do Couto Brandão.

Está em Anadia com sua esposa a sr.<sup>a</sup> baroneza da Rocosta, o sr. Mario Duarte, conhecido *sportman* e empregado superior dos impostos na capital.

Encontra-se em via de restabelecimento a filhinha mais velha do nosso amigo sr. Albino Pinto de Miranda, pelo que felicitamos seus bons paes.

Regressou de Lisboa o sr. padre José Marques de Castilho, digno director da Escola Districtal.

Esteve a semana passada no Porto o sr. dr. Antão Fernandes de Carvalho, distincto advogado em Pezo da Regoa.

Tem estado bastante doente, em Vizeu, o nosso correligionario sr. dr. Eduardo David e Cunha, digno director do hospital civil d'aquella cidade. Desjamos o prompto restabelecimento de s. ex.<sup>a</sup>.

Tem estado doente, mas vae um pouco melhor, a esposa do sr. dr. João Feio Soares d'Azevedo, secretario geral d'este districto.

Enfermou o sr. João Pinto de Miranda, acreditado proprietario e industrial d'esta cidade.

Fixou a sua residencia em Setúbal o nosso assignante sr. Evaristo Ferreira das Neves.

**o nosso folhetim**

Por falta de espaço não publicamos esta semana o folhetim - *O Olho de Vidro* - pelo que pedimos desculpa aos nossos estimaveis leitores.

**EMPRESTIMO MUNICIPAL**

Na sessão de camara de quinta-feira passada foi apresentado o contracto para o emprestimo de cinco contos de réis, destinados ás despesas da cobertura metallica da Praça do Peixe.

As clausulas que servirão de base a esse contracto, são as seguintes:

1.º - O emprestimo é de cinco contos de réis, moeda corrente, garantido por duzentas e cinquenta obrigações municipaes, do valor nominal de vinte mil réis e juro fixo de mil réis cada uma.

2.º - Estas obrigações são datadas do 1.º de outubro proximo futuro, principiando desde este dia a vencer o juro de 5 p. c. ao anno.

Podem ser nominativas ou ao portador, conforme convenha ao interessado.

3.º - A camara obriga-se a votar, de rendimento do imposto denominado do piso, e do que cobra sobre as farinhas quando aquelle não baste, a annuidade de 330\$000 réis, durante os annos necessarios, não excedendo a trinta a contar da data d'este contracto, para o serviço do pagamento do juro de 5 p. c., que vencem estes titulos, e o restante para amortização annual, por meio de sorteio, do numero de obrigações que lhe corresponda pelo seu valor nominal.

4.º - E' permitido á camara adquirir as obrigações que tenha a amortizar por meio de compra no mercado sempre que assim lhe convenha.

5.º - Tanto os juros, como a amortização annual das obrigações, serão pagos durante o mez de outubro de cada anno, livres para o obrigacionista do imposto de rendimento ou de qualquer outro municipal.

6.º - A camara fará saber com a antecedencia necessaria, por meio de annuncios publicos, o dia e hora em que deve ser effectuado, em sessão publica d'esta corporação, o sorteio das obrigações a amortizar, deixando de vencer juro d'esse dia em diante as que forem sorteadas embora o seu reembolso não seja reclamado desde logo.

7.º - A importancia total d'este emprestimo deve dar entrada no cofre da camara em tres prestações, sendo a primeira de 1:500\$000 réis no dia primeiro do proximo futuro mez de julho; a segunda de 2:000\$000 réis no dia 1.º d'outubro seguinte; e a terceira de 1:500\$000 réis no dia primeiro do mez de janeiro do proximo futuro anno de 1904.

8.º - As obrigações correspondentes a este emprestimo só serão entregues ao mutuante, na proporção das prestações pagas, depois do dia primeiro do proximo mez d'outubro, desde quando principiam a vencer o respectivo juro.

9.º - O mutuante compromette-se a ceder a quem as queira adquirir, pelo preço por que este as recebe e que é o seu valor nominal, até metade do numero das obrigações que lhe são dadas em troca da importancia do seu emprestimo, reservando-se o direito de dispôr das restantes como melhor lhe convier.

- Não ha moral senão na liberdade.

**Aguas do Valle da Mó**

Abriu no dia 10 de maio ao publico, no pittoresco local do Valle da Mó, o magnifico *Hotel-Chalet Central*, de que é proprietaria a sr.<sup>a</sup> D. Anna de Jesus Santiago.

Estivemos ali ha dias e não nos deixou de impressionar agradavelmente o aceio e boa ordem em que tudo encontramos n'aquelle estabelecimento, aliando a isto o magnifico tracto da sua proprietaria e as excellentes condições hygienicas e bonitas vistas dos hotel.

Aos nossos amaveis leitores recomendamos por isso o *Hotel-Chalet Central* prestando-lhe assim um bom serviço, não só pelo bom tratamento que ali encontrarão, como pela modicidade de preços que a sua proprietaria costuma fazer.

Ha tambem carreira diaria para passageiros entre Mogofores e aquelle local, a preços convidativos e a todos os comboios.

**Mais olhos que barriga**

Na Gafanha apostou um descendente da tia Joanna Gramata, em como era capaz de beber duas caixas de *pirólitos*, ou sejam 48 garrafas d'essa bebida. Quando chegou á conta das 25, o homeminho achou-se de tal modo incommodado, que tiveram de vir a esta cidade chamar um facultativo, do contrario *arrebentaria* como uma peça.

Safa, que grande bruto...

**Feira dos 25**

Vae mudar para o antigo ilhote do Côjo, hoje aterrado, a feira dos 25 que até aqui tinha logar no largo do Rocio.

Louvamos a ideia porque este bonito local, regularizado como está, mais ou menos se damnificava e desfeava com as transações de gado que ali se faziam.

**Mendigo com massas**

Em Lisboa foi preso um mendigo de 75 annos, vestido com uns trajes repellentes e que tinha escondido entre as varas do guarda-chuva a bonita somma de sessenta e sete mil réis em notas!

E pedia o mariolão uma *esmolinha* para matar a fome...

**Tempe**

Parece que nos transportámos aos inclementes dias invernosos de janeiro.

Chuva continua, tempo carancudo, vento rijo e aspero é o que diariamente presenciámos. E então, se alguma vez o sol nos vem animar no meio da constante borrasca, é contar com nortada desesperada e com a poeira que nos suffoca.

**A hygiene e a fabrica de tabacos de Santa Apolonia**

Da carta de Lisboa para Folha, de Vizeu, lê-se o seguinte:

«Uma visita sanitaria feita aqui na fabrica de tabacos de Santa Apolonia veio evidenciar como ali se atrophiaram os operarios e provar a porcaria a que se sujeitam os fumadores.

O edificio não só não satisfaz ás condições hygienicas requeridas n'um estabelecimento d'aquella ordem, pela falta de ventilação, mas o tabaco não está em condições livres de apanhar as maiores imundicies.

Anda pelo chão, calcado pelos pés dos manipuladores e cigarrerias que preparam os cigarros embevecendo em saliva os dedos, segundo fidedignos observadores!

Os medicos que ali foram vieram cá para fóra dizer as ultimas contra a fabrica, censurando a poderosa companhia á qual compete o dever de melhorar as condições do edificio em nome de todas as leis humanas. E' necessario que ali seja estabelecida a indispensavel corrente de ar para que os pobres operarios se não vão enve-

nenando lentamente n'aquelle ambiente delaterio.

Aqui fazemos um appello ás autoridades competentes, já que parte da imprensa se cala deante d'esta vergonha, pela simples razão de se tratar d'uma poderosa companhia pôdre de rica.

A reparação d'este estado de coisas é em nome dos operarios e do publico, um acto de justiça.»

**Agradecimento**

Julio Rodrigues da Silva, Firmino Fernandes e Joaquim Ferreira d'Oliveira vem por este meio agradecer a todas as pessoas que accorreram ao appello que fizeram, dando ou enviando o seu obolo para minorar as precarias circumstancias em que vivia o artista d'alfaiate, Julio Ferreira, casado e com filhos.

Infelizmente já pouco se aproveitou d'esse obolo, pois que no dia 16 deu a alma ao Creador, depois de penoso soffrimento que pouco a pouco lhe foi minando a existencia - a tuberculose. A mesma commissão pede aos cavalheiros a quem dirigiu circulares e que ainda não responderam, o façam directamente á viuva que fica na mais completa miseria.

Aveiro, 18 de junho de 1903.

**Julgamento**

Teve logar na segunda-feira o julgamento das 9 testemunhas que haviam faltado á audiencia geral do crime das Olarias.

O sr. juiz condemnou as rés na multa de 300 réis cada uma, sem custas nem sellos, por serem pobres.

A lição ficou-lhes cara e é de prever que de futuro, uma hora antes, já estejam no tribunal, dada a circumstancia de serem mais alguma vez testemunhas.

**A nossa Secção Illustrada**

(A' MODA DO... CANUDO)

Julio Cesar Machado lavrou em tempo necrologio a um *burro branco*. Pois nós, ao contrario do inolvidavel escriptor, vamos hoje lavral-o a um *burro preto*. Preto e bem preto, seuão negro como um tição... apagado. (Claro, porque se estivesse acceso era vermelho).

Era, pois, o tal *burrinho preto* como tição apagado.



Como os leitores vêem pela gravura que apresentámos, era elle (o burro), um alentadissimo animal (com licença acolá do mestre, etc. e tal) e para quem nunca houveram obstaculos invenciveis.

Nenhum outro collega o levou de vencida n'uma corrida de compra, pois que galopava por esses montes e valles que era mesmo uma consolação vel-o. Vê-o e montal-o (ao burro, está claro).

Cavalleiro que lhe puzesse as calças em cima era contar pela certa com viagem em *comboy expresso*. A questão era elle segurar-se com *unhas e dentes* ás crinas do *cavalleco* preto pois que, não foram poucas as vezes que alijou a carga na corrida vertiginosa que encetava.

Era d'uma canna, finalmente, o diabo do *burro preto*.

Mas como todas as cousas tem seu fim e como elle d'isso não estava isento, eis que lhe che-

ga tambem a sua vez e de alegre e sadio que era o *burrinho preto*, começou de intristecer, intristecer até que quasi *intiliscou* por completo.

Foi causa para o seu dono, e para os habitantes do logar, que muito o estimavam, de um profundo desgosto a doenca do *animalsinho*. Definava elle de dia para dia sem haver esperanças de o salvar. Coitado.

E eram, afinal, questões de *amores mal correspondidos*, que assim, *permaturamente*, lhe roubava a vida, como vamos explicar.

Tinha o *Rapado* (era por este nome que todos o conheciam), em tempos remotos, tomado *amores* com uma *bella burrinha branca*, das visinhanças, e que fazia as delicias ao *pobre animal*ejo.

Mas por mal dos peccados do *Rapado*, veio habitar para o mesmo curral da sua amada, um nédio e bem feito *jumentinho* que, damnado como era pela raça *fraca*, começou logo a fazer *pé d'alferes* á *bella burrinha branca*. A todas as horas e a todos os instantes lhe estava o desalmado *zurrando* palavras *ternas* ás orelhas e na sua *descommunal dentuça*, que *arreganhava* de quando em quando, mostrava tambem o *endiabrado jumento*, o desejo ardente da sua posse.

E como os proloquios populares raras vezes são desmentidos, d'esta vez tambem não desmentiu aquelle que diz: *que agua molle em pedra dura, tanto dá até que fura*, pois que, apesar da multa *amovia* da *burrinha branca* pelo *Rapado*, o certo é que a primeira vez que se *junaram* no pasto, a *bella burrinha branca* apresentou-lhe uma formidavel *parelha* de coices em signal do desprezo que lhe votava. Estava *atraçoado*, o *Rapado*.

E ahí está o motivo porque elle começou a emagrecer e a *intitiscar* que era mesmo uma *dó vel-o*.

E o José d'Azenha (assim se chamava o dono), quando o viu n'aquelle lastimavel estado, todo se *confrangia* e *debulhava* em lagrimas.

O que *aquillo* era e no que agora se tornou, dizia elle *compungidamente*.

E como não tinha coragem para lhe dar um tiro na cabeça, liquidando assim o seu soffrimento, pegou-lhe um dia pela arreata e tangendo-o conforme poude, lá o conduziu até junto d'uma *vasta campina verdejante*, e, uma vez ahí, os olhos rasos d'agua e a voz em *tremelicoques* pela saudade, compadecidamente lhe diz, como Tolentino disse ao seu lazarento cavallo:

*Vae mizero cavallo lazarento  
 Pastar longas campinas livremente.*

E enxotou-o mansamente para a vasta campina.

E o pobre lá foi de cabeça baixa e as orelhas derrubadas em signal do mais vivo sentimento para com a *bella burra branca* que tão cruelmente o despresára.

Pobre... *burro preto*...

**Passaro... bisnau**

Dão-se *alvicaras* ao *felizão* que encontrar o *passaro bisnau* que nos fugiu esta semana de uma gaiola identica á da gravura.

Tem azas *negras*, largo vôo e muitas *semelhanças* com um *mel-ro de bico amarello*.

Mas temos a prevenir quem quer que seja que tenha cuidado com elle, porque o *passarão ferra* que tem algum diabo.



ZÉ DAS CARAPUÇAS.

**Cura do rheumatismo**

O *linimento anti-rheumatico de Miranda*, é o melhor remédio até hoje conhecido para a cura d'esta doença. Numerosos attestados de doentes provando os seus bons resultados. Faz desaparecer em curto espaço de tempo as dores ao padecente.

Envia-se pelo correio para todas as terras.

Preço do frasco 500 réis. Pelo correio 550 réis.

Deposito pharmacia Miranda

RIO TINTO

**VENDA DE CASA**

Vende-se um prédio de casa altas na rua de Jesus e em frente á igreja do Convento.

Tem um pequeno pateo e sahida para a rua do Rato.

Trata-se na rua Direita, n.º 43 a 45.

**LANDEAU**

VENDE SE um quasi novo. Nesta typographia se diz.

**Vinho puro de Bucellas**

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

**N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.**

**BAGAGOS ALIMENTARES**

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos as melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

**ARMAZENS**

**BEIRA-MAR**

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRACA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

VENDA SO A DINHEIRO

Preços fixos

**CONFECÇÕES**

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapalaria, creanças. Centro de assignatura nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Lonças de porcelana, quinquillarias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flóres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encaderuações.

**N. B.—Não se aviamencomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.**

**MINERVA**

N'esta typographia compra-se uma de pequeno formato, em segunda mão. Escrever carta mencionando preço.

**HISTORIÁ**

**REVOLUÇÃO PORTUGUEZA**

De 1820

Illustrada com magníficos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanaes de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho authentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como elles lutaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas ..... 60 réis  
Cada vol. brochado.. 1.500 \$  
Obra completa (4 vol) 6.000 \$

A assignatura por fasciculos póde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Nello Guimarães.

**HORAS ROMANTICAS**

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthel.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

**ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO**

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

**CONSULTORIO DENTARIO**

**THEOPHILO REIS**

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra Extrahê, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º

Aveiro

**Cathecismo Moderno**

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

A venda na Livraria Elysio—Rua Formosa, 282 PORTO

**COSINHA PORTUGUEZA**

OU

ARTE CULINARIA NACIONAL

COLLABORAÇÃO DE SENHORAS

(Producta reservada a um fim patriótico e piedoso)

2.ª edição, muito melhorada

Contém:—Preliminares sobre Modo de bem viver; A nossa habitação; A agua; A nossa alimentação; O nosso vestuario; Preceitos diversos.

795 receitas, com as seguintes secções: Sopas e purês, 41; Legumes e hortaliças, 25; Carnes diversas, 100; Croquetes e almondegas, 15; Peixes diversos (receitas de bacalhau, 35); 94; Molhos diversos, 28; Massas e entre meios, 19; Pasteis, tortas e empadas, 29; Ovos e omeletas, 27; Saladas diversas, 8; Doces de sobremesa, 203; Compotas e conservas, 54; Doces de chá, 155.—Total 795.

A venda unicamente na Imprensa Academica, de Coimbra para onde devem ser feitas as requisições, acompanhadas de sua importancia, que é:—Em brochura, 600 rs. Pelo correio, 650. Em formosa cartongem, 700. Idem 760 réis.

**O DILUVIO**

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolva-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as heroicas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA Sucessora da antiga casa David Corazz

**Viagens Maravilhosas**

Coroadas pela academia franceza

**A CARTEIRA DO REPORTER**

POR

JULIO VERNE

**SIGAMOL-O!**

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido demais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

**DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA**

DA ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,"

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para correiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes. Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura. Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente. Pedidos a

José Maria Simões & Filho

**ANADIA—SANGALHOS**

**O FOGO**

Notabilissimo romance de Gabriel do Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. E' esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entreeho e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

**ROLÃO PALMA**

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe AVEIRO

**SEM DOGMA**

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

**QUO VADIS?**

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

**A NOVA PHASE**

DO SOCIALISMO POR

JOÃO DE MENEZES

A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

**MAIS UM TRIUMPHO!**

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79